I CONGRESSO CRIM/UFMG

INTERSECCIONALIDADE E FEMINISMOS

I61
Interseccionalidade e Feminismos [Recurso eletrônico on-line] I Congresso CRIM/UFMG: UFMG – Belo Horizonte;

Organizadores: Luiza Martins Santos, Mariana Karla de Faria e Raíssa Emmerich Santana - Belo Horizonte: UFMG, 2021.

Inclui bibliografia
ISBN: 978-65-5648-362-7
Modo de acesso: www.conpedi.org.br em publicações
Tema: Gênero, feminismos e violência.
1. Gênero. 2. Feminismo. 3. Interseccionalidade. I. I Congresso CRIM/UFMG (1:2021: Belo Horizonte, MG).

CDU: 34

I CONGRESSO CRIM/UFMG

INTERSECCIONALIDADE E FEMINISMOS

Apresentação

O CRIM/UFMG é um Programa de extensão universitária da UFMG sobre violência de gênero, proveniente do Projeto de Ensino, Pesquisa e Extensão em Crimes Contra a Mulher criado em 2019 por um grupo de estudantes universitárias da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que perceberam a necessidade de ampliar o espaço de debates, denúncias e enfrentamento da violência de gênero dentro da instituição.

O objetivo do Programa é trazer para o grande público questões relevantes referentes ao combate à violência de gênero de forma didática e acessível, de modo a contribuir em diferentes perspectivas, a partir da atuação estudantil em frentes com Profissionais de Saúde, Educação, Infância e Juventude bem como na abordagem de acolhimento de migrantes e refugiadas. Dessa forma, entende-se a necessidade de se desenvolver atividades – que não se limitem ao espaço acadêmico - por meio da criação grupos de estudos, eventos, campanhas de conscientização sobre o tema, além de ministrar oficinas, cursos e capacitação que abordem os diversos tipos de violências de gênero numa perspectiva de promoção da igualdade de gênero. Nesse sentido, o Programa, a partir de uma construção coletiva, busca romper com a cisão criada em uma sociedade desigual e assim, colocar como sujeitos políticos grupos historicamente marginalizados.

Nessa perspectiva, o I Congresso CRIM / UFMG - Gênero, Feminismos e Violência pretende incentivar o debate sobre os progressos e desafios em relação à temática gênero, considerando a integralidade da vivência do ser mulher em uma sociedade machista, cisgênera, heteronormativa, com claros atravessamentos de classe e raça.

O GT 1 - Interseccionalidade e Feminismos acolheu artigos que se desenvolveram a partir de uma perspectiva interseccional e da compreensão de como as discriminações de gênero se interligam com questões relacionadas à sexualidade, raça e classe. Temas que abordem as questões de gênero articulados com a divisão sexual do trabalho; a reconfiguração das práticas sociais e das relações trabalhistas decorrentes do capitalismo; os diversos processos culturais e identitários formativos relacionados à raça e sexualidade, sob perspectivas interdisciplinares. Foram propostas discussões sobre as diferentes estratégias de lutas por reconhecimento e direitos de movimentos democráticos contemporâneos, a partir de uma fundamentação teórica feminista que busca evidenciar a coexistência de mais de um sistema de opressão em relação às mulheres e outros agentes sociais.

O TRIPÉ GÊNERO, RAÇA E CLASSE: REFLEXÕES A PARTIR DO PENSAMENTO DE HELEIETH SAFFIOTI E LÉLIA GONZALEZ

GENDER, RACE AND CLASS: REFLECTIONS INSPIRED BY HELEIETH SAFFIOTI AND LÉLIA GONZALEZ

Alice Birman Cavalcanti [1]
Suzane Chagas de Mesquita [2]

Resumo

O presente trabalho pretende investigar as contribuições de Heleieth Saffioti e Lélia Gonzalez sobre o imbricamento entre gênero, raça e classe no que diz respeito ao impacto para a formação social, política e econômica brasileira. Cada uma, à sua maneira, trouxe avanços importantíssimos para a construção do pensamento social brasileiro, expondo como o gênero e a raça se articulam com o capitalismo, se configurando como categorias fundamentais para uma análise comprometida com a realidade. Através de revisão bibliográfica, ressaltamos as principais contribuições das autoras no âmbito dos debates que articulam as três opressões que estruturam a formação social do Brasil.

Palavras-chave: Gênero, Raça, Classe, Formação social do brasil

Abstract/Resumen/Résumé

Our work investigates the contributions of Heleieth Saffioti and Lélia Gonzalez regarding the interlocking impacts of gender, race and class on Brazilian social, political and economic formation. They brought important advancements to the construction of Brazilian Social Thinking, each their own way, exposing how gender and race articulate in the capitalist system and consist in categories which are fundamental for analyses committed with reality. Through bibliographic review, we highlight these authors' major contributions to the debates that articulate the three oppressions that structure Brazil’s social formation.

Keywords/Palabras-claves/Mots-clés: Gender, Race, Class, Brazilian social formation

[1] Graduanda em Serviço Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

[2] Graduanda em Serviço Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

INTRODUÇÃO

No intuito de investigarmos como o imbricamento entre gênero, raça e classe influencia a formação social política e econômica do Brasil, resgatamos duas grandes pensadoras brasileiras, Lélia Gonzalez e Heleieth Saffioti, compreendendo que cumpriram um papel crucial para fomentar os debates sobre as opressões de gênero e raça no contexto brasileiro, em um momento histórico no qual estes tópicos ainda não recebiam a devida atenção.

A partir de uma perspectiva crítica e ancorada no materialismo histórico dialético, realizamos uma revisão bibliográfica das obras de Gonzalez e Saffioti, que serão apresentadas separadamente. Em um primeiro momento, iremos expor as principais contribuições de Heleieth Saffioti no que se refere ao imbricamento entre gênero, raça e classe, apresentando o conceito do "nó" cunhado pela autora ao longo de sua trajetória acadêmica e intelectual.

Na segunda parte, apresentaremos como Gonzalez articula as opressões sexuais e raciais, dando especial importância para a elaboração da autora acerca dos impactos dessas opressões na vida das mulheres negras, concretizadas na inserção no mercado de trabalho e no imaginário social racista.

Por fim, apontaremos, nas conclusões, a articulação que os escritos de Saffioti e Gonzalez nos permitem vislumbrar sobre a formação social do Brasil.

OBJETIVOS

O presente trabalho tem como objetivo apresentar de que forma o imbricamento entre gênero, raça e classe impacta a formação social, política e econômica brasileiras, através das produções teóricas de Heleieth Saffioti e Lélia Gonzalez.

METODOLOGIA

A metodologia do trabalho consiste na revisão bibliográfica de obras das duas autoras supracitadas.

O *NÓ* EM HELEIETH SAFFIOTI

Heleieth Saffioti foi uma socióloga marxista, professora, estudiosa da violência de gênero e militante feminista brasileira. Formada pela USP em 1960, Saffioti defende em 1967 sua tese de livre docência pela UNESP, intitulada *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*, sob orientação do professor Florestan Fernandes. Ao longo de

sua trajetória, a autora formula o conceito do nó patriarcado-racismo-capitalismo, que aparece pela primeira vez no livro *O poder do Macho* (1987). Deteremos-nos aqui especialmente nesse conceito desenvolvido pela autora, entendendo que este se configura como um conceito de extrema importância para pensarmos na realidade social, política, econômica e cultural brasileira.

Trazendo à tona a imbricação entre o patriarcado, o racismo e o capitalismo, o conceito do "nó" expõe como esses três fenômenos sócio-históricos, que se configuram como sistemas de exploração e dominação construídos historicamente, se unem no processo social. É importante salientar que cada um desses sistemas têm características diferentes, possuem especificidades, contudo operam e se caracterizam como sistemas de dominação e exploração que em um momento histórico específico se fundiram. Nas palavras de Saffioti,

> *Com a emergência do capitalismo, houve a simbiose, a fusão, entre os três sistemas de dominação-exploração,* acima analisados separadamente. Só mesmo para tentar tornar mais fácil a compreensão deste fenômeno, podem-se separar estes três sistemas. *Na realidade concreta, eles são inseparáveis, pois se transformaram, através deste processo simbiótico, em um único sistema de dominação-exploração, aqui denominado patriarcado-racismo-capitalismo* (SAFFIOTI, 1987, p.60 grifos nossos).

A partir disso, temos, então, que o capitalismo no Brasil se organiza conjugando esses dois outros sistemas de exploração e dominação (patriarcado e racismo) que são anteriores ao modo de produção vigente. Ambos já estavam estabelecidos socialmente no momento de emergência do capitalismo, fazendo com que o processo de produção e apropriação de mais valia se materializasse, desde seus primórdios até os dias atuais, mediante o patriarcado e o racismo. A elaboração do conceito do nó revela justamente a necessidade de analisarmos as relações de exploração e dominação de modo interconectado e não hierárquico, recusando a primazia de uma opressão em relação às demais de forma generalizada.

Ganha destaque, na pesquisa de Saffioti (1993), a necessidade de reconhecermos a tripla constituição dos sujeitos, o que afasta a ideia de unicidade, ao passo que evidencia seu caráter múltiplo e contraditório, mas não fragmentado. Assumir a tripla constituição do sujeito exige o reconhecimento de que o gênero comporta diferenças de raça/etnia e de classe social, assim como as classes sociais e as categorias de raça/etnia comportam diferenças de gênero. Por essas dimensões serem estruturais, as três

merecem o mesmo estatuto teórico quando se objetiva compreender a dinâmica que rege as práticas sociais. Um dos grandes saltos teóricos da autora é o fato de apreender que a subjugação entre estes três antagonismos limita a apreensão "da riqueza de determinações que definem um concreto histórico, provocando o fracasso das estratégias cujo alvo seja a superação destas contradições." (SAFFIOTI, 1985, p.99), independente da direção da sujeição perpetrada.

Saffioti vai afirmar que as relações de gênero, raça e classe que se forjam produzem uma dinâmica própria do nó, "uma lógica contraditória, distinta das que regem cada contradição em separado" (SAFFIOTI, 2015, p.133). A fusão das três contradições sociais básicas expõe como elas não ocorrem paralelamente, mas sim de maneira entrelaçada. Nas palavras da autora: "trata-se de um entrelaçamento que não apenas põe em relevo as contradições próprias de cada ordenamento das relações sociais, mas que as potencializa." (SAFFIOTI, 1988, p.61). Por isso Saffioti (2015), defende que não se trata da simples soma de cada uma das contradições (patriarcado + racismo + capitalismo), uma vez que a formação desse nó apresenta qualidades distintas das contradições que o integram, dando luz à uma realidade nova que decorre desta simbiose.

Por mais que não se possa, de forma generalizada, hierarquizar essas três opressões estruturais, dependendo da circunstância histórica, uma dessas opressões pode ganhar centralidade, trazendo um impacto mais significativo para a realidade (objetiva e subjetiva) experienciada pelos sujeitos. Segundo Saffioti,

> Trata-se, em outros termos, de três faces, de três identidades sociais do sujeito, *todas igualmente importantes para que ele atue na construção de uma sociedade sem desigualdades*, como as que separam pobres de ricos, mulheres de homens, negros de brancos. *As três identidades estão sempre presentes, embora não com o mesmo vigor. Dependendo da situação histórica vivenciada, uma delas pode apresentar mais relevo, e frequentemente o faz.* Há circunstâncias em que a identidade de gênero fala mais alto, mas há outras em que a de classe ou a de raça/etnia está neste caso. Conceber o sujeito como múltiplo permite a apreensão de, pelo menos, grande parte de sua riqueza. (SAFFIOTI, 1997, p.76, grifos nossos).

Compreendendo a tripla constituição do sujeito em gênero, raça/etnia e classe, Saffioti (2015) indica a heterogeneidade dos sujeitos, onde, dependendo das condições históricas, terá uma dessas faces ressaltada, enquanto as demais, por mais que estejam presentes, estarão à sombra da primeira.

A *TRIPLA DISCRIMINAÇÃO* EM LÉLIA GONZALEZ

Lélia Gonzalez[1] foi uma professora, historiadora, filósofa, antropóloga e militante negra brasileira. Dona de uma escrita ácida e enegrecida, Lélia, ao longo de suas obras, valoriza a escrita coloquial e os elementos de africanidade presentes na cultura e na linguagem brasileira, além de tratar de aspectos da formação sócio histórica brasileira e da iniquidade de gênero, sempre articulando com os rebatimentos da herança escravista e colonial no bojo das relações sociais capitalistas.

Trata-se de uma autora interdisciplinar, que passeia por diversas áreas do saber como história, ciências sociais e psicanálise para analisar o racismo e o sexismo no Brasil. Devido a extensão de suas obras, nos centraremos no debate acerca das mulheres negras no mercado de trabalho e os impactos dos papéis sociais atribuídos a elas no campo simbólico.

Seguindo na perspectiva teórica crítica, temos em Lélia Gonzalez uma autora que alia os estudos da chamada sociologia acadêmica, do marxismo e das relações ideológicas, a partir da psicanálise para melhor entender a realidade social e cultural brasileira, marcada pelas contradições de gênero, raça e classe.

Recorrendo aos estudos de formação sócio histórica do Brasil, a autora descreve que a existência de um desenvolvimento desigual e combinado, a formação de uma massa marginal[2] e os efeitos da dominação neocolonialista fazem da construção do capitalismo no Brasil, dependente. A construção desta massa marginal, altamente precarizada e excedente dentro do mercado de trabalho, tem grande valia para o funcionamento capitalista à medida que, quanto maior a concorrência aos postos de trabalho, menores são os salários pagos.

Assim sendo, a autora demarca a necessidade de estudar as relações de produção, pois são elas que distribuem os lugares de classe e reproduzem em seu cerne os conflitos de raça e gênero, construindo ideologias para fundamentá-las.

---

[1] Destacamos sua importância para os estudos da cultura brasileira e das relações étnico raciais e de gênero, tendo ocupado a chefia do departamento de sociologia e política da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO), entre 1978 e 1994. Além disso, no âmbito político, além de sua filiação e candidatura a deputada federal pelo Partido dos trabalhadores (PT) e Partido Democrático Trabalhista (PDT), teve grande contribuição na fundação do Movimento Negro Unificado (MNU), bem como na organização política de mulheres negras em coletivos.

[2] O conceito de massa marginal é criado por José Nun. Essa massa segmenta-se em: Parte da mão de obra ocupada pelo capital industrial competitivo; trabalhadores que buscam refúgio em atividades terciárias de baixa remuneração; Desocupados; Força de trabalho ainda submetida ao capital comercial.

> É nesse sentido que o racismo — enquanto articulação ideológica e conjunto de práticas — denota sua eficácia estrutural na medida em que estabelece uma divisão racial do trabalho e é compartilhado por todas as formações socioeconômicas capitalistas e multirraciais contemporâneas. Em termos de manutenção do equilíbrio do sistema como um todo, ele é um dos critérios de maior importância na articulação dos mecanismos de recrutamento para as posições na estrutura de classes e no sistema da estratificação social.(GONZALEZ, 2020, p.35)

Após a abolição, a população negra foi preterida no mercado de trabalho em relação aos imigrantes europeus recém chegados, com o agravante de que o não acesso à terra faz com que grande parte dessa população seja também segregada espacialmente, ocupando regiões periféricas e mais pauperizadas, formando favelas e comunidades. Sendo assim, historicamente há um movimento de subalternização e dominação dos povos escravizados, que compõem, portanto, a massa marginal.

Dito isso, a chave analítica da mulher negra no mercado de trabalho, além dos estudos de Lélia acerca das figuras dessas mulheres no imaginário social, são de grande importância para entender o tripé das iniquidades de gênero, raça e classe na sociedade brasileira. Afinal, elas são a corporificação das três opressões e segundo a autora, sofrem a *tripla discriminação.*

Nos seus estudos de dados estatísticos dos anos 1950 a 1980, já constatava que eram as mulheres negras que ocupavam majoritariamente os setores têxteis, alimentícios e posteriormente setor de serviços, nos quais enfrentavam dificuldades, tanto pelo nível de escolaridade que possuiam, quanto pela discriminação ocupacional. Porém, é a partir do trabalho desta mulher negra, muitas vezes como doméstica, babá, entre outras profissões ligadas ao cuidado, que a mulher branca conseguiu — e ainda consegue — se inserir no mercado de trabalho em postos mais elevados.

> Quanto à mulher negra, sua falta de perspectiva quanto à possibilidade de novas alternativas faz com que ela se volte para a prestação de serviços domésticos, o que a coloca numa situação de sujeição, de dependência das famílias de classe média branca. A empregada doméstica tem sofrido um processo de reforço quanto à internalização da diferença, da "inferioridade", da subordinação. No entanto, foi ela quem possibilitou e ainda possibilita a emancipação econômica e cultural da patroa dentro do sistema de dupla jornada. (GONZALEZ, 2020, p.42-43)

Para melhor entender a figura da mulher negra dentro do imaginário social brasileiro, Lélia recorre à imagem da Mucama na história escravista, sendo ela a escravizada negra que trabalhava nos cuidados da Casa Grande e dos filhos dos senhores, onde muitas vezes recebia as investidas desses homens brancos, ou mesmo eram violentadas sexualmente. O desdobramento disso se dá na figura da *mulata* sexualizada, que encontra maior realce durante o carnaval, onde esta mulher negra

anônima é colocada como um objeto de adoração e/ou como *doméstica*, dentro das opções que lhe restam na competição do mercado assalariado no cotidiano.

Segundo Lélia, a sociedade brasileira vive numa espécie da *neurose cultural*, onde oculta e nega as contradições da tripla discriminação, como forma de manter o *status quo*. O efeito disso rebate de forma violenta, principalmente nas mulheres negras, que acabam por ocupar majoritariamente cargos profissionais que não lidam com o público, como empregada doméstica, cozinheira, "servente" etc, de maneira a escondê-las e invisibiliza-las, com a justificativa de não terem qualificação ou boa aparência.

> O ditado "Branca para casar, mulata para fornicar e negra para trabalhar" é exatamente como a mulher negra é vista na sociedade brasileira: como um corpo que trabalha e é superexplorado economicamente, ela é a faxineira, arrumadeira e cozinheira, a "mula de carga" de seus empregadores brancos; como um corpo que fornece prazer e é superexplorado sexualmente, ela é a mulata do Carnaval cuja sensualidade recai na categoria do "erótico-exótico". (GONZALEZ, 2020, p.170)

Logo, a mulata é a mucama sexualizada e “a doméstica é a mucama permitida, a da prestação de bens e serviços, ou seja, o burro de carga que carrega sua família e a dos outros nas costas.” (GONZALEZ, 2020, p.82-83).

Vemos no pensamento de Lélia um grande esforço em dar visibilidade às diversas formas de resistência das mulheres, pois se as contradições de gênero e raça estão presentes na formação do país como elementos centrais históricos e políticos que dão forma ao modelo capitalista moderno, estão também essas mulheres existindo e resistindo ativamente.

Por fim, coadunamos com a autora quando afirma que enquanto mulheres negras, “(...) sabemos bem o quanto trazemos em nós as marcas da exploração econômica e da subordinação racial e sexual. Por isso mesmo, trazemos conosco a “marca da libertação de todos e de todas” (GONZALEZ, 2020, p.270). Sendo, portanto, exaltada a potência da organização social e política das mulheres negras.

CONCLUSÕES

Através desse breve e esquemático resgate de algumas das valiosas contribuições de Saffioti e Gonzalez para a construção do pensamento social brasileiro, fica evidente a influência do patriarcado e do racismo para a manutenção do sistema societário vigente.

O conceito do nó de Saffioti apresenta precisamente a particularidade da nossa formação social, e, ancoradas na obra de Lélia, podemos observar como esse nó se manifesta na vida das mulheres negras, ao aliar o racismo, o sexismo e o capitalismo,

em uma conjunção que atribui a essas mulheres, que sofrem com a tripla discriminação, papéis específicos delimitados pela hegemonia burguesa patriarcal e racista.

Ambas as autoras nos apontam reiteradamente a importância de pensarmos o imbricamento entre capitalismo, racismo e sexismo no Brasil, enxergando-os como três opressões estruturais que se encontram profundamente articuladas na realidade concreta. Sem a articulação desses três sistemas de dominação e exploração, a análise da formação social, política e econômica brasileira fica extremamente prejudicada, para dizer o mínimo.

O resgate da contribuição dessas duas grandes pensadoras sociais brasileiras nos permite reconhecer o profundo impacto que o patriarcado, o racismo e o capitalismo exerceram e exercem, ainda hoje, na formação social, política, econômica e cultural do Brasil.

REFERÊNCIAS

BARTHOLOMEU, Juliana S. *Lélia Gonzalez*. In: Enciclopédia de Antropologia. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 2019. Disponível em: https://ea.fflch.usp.br/autor/lelia-gonzalez

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino americano: ensaios, intervenções e diálogos.* RIOS, Flávia, LIMA, Márcia. (orgs.). 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

SAFFIOTI, Heleieth. *Força de Trabalho Feminina: no interior das cifras,* in Perspectivas, São Paulo, 1985, nº 8, p.95 a 141

_____. *O poder do macho.* São Paulo: Moderna, 1987.

_____. *Movimentos sociais: face feminina.* In Carvalho, Nanci Valadares de. (org.) A condição feminina. São Paulo, Revista dos Tribunais Ltda., Edições Vértice, 1988.

_____. *Violência de Gênero – lugar da práxis na construção da subjetividade.* Lutas Sociais, nº 2, PUC/SP, 1997, pp.59-79

_____. *Gênero, patriarcado, violência.* 2. ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.